

LAS EVIDÊNCIAS DA PRESENÇA AFRICANA NO CONTINENTE, AMERICANO NO PERÍODO DO BRASIL PRÉ-COLONIAL*

FUNARI, PEDRO PAULO

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Correo electrónico: ppfunari@unicamp.br

JUSTAMAND, MICHEL

Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Correo electrónico: micheljustamand@yahoo.com.br

OLIVEIRA DE, GABRIEL FRECHIANI

Secretária de Educação do estado do Piauí, Brasil

Correo electrónico: gfrechiani@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem por finalidade abordar as evidências da presença africana no continente americano no período Brasil pré-colonial, tendo por justificativa sua antiguidade do povoamento do continente americano pelos seres humanos frente as evidências da “hipótese de Clóvis” que situa entre 13 a 11 mil as primeiras levas migratórias oriundo da passagem do estreito de Bering. O principal objetivo deste trabalho é apontar as múltiplas possibilidades migratórias dos primeiros grupos humanos, seja pelo Norte, sul, leste e oeste, assim tentando associar essas possibilidades com as evidências arqueológicas encontradas.

PALAVRAS-CHAVE: Conservation, Preservation, Ceramics, Archaeology.

THE EVIDENCE OF THE AFRICAN PRESENCE IN THE CONTINENT, AMERICAN IN THE PRE-COLONIAL PERIOD OF BRAZIL

ABSTRACT

The present work has as purpose to approach the evidences of the African presence in the American continent during the period of the pre-colonial Brazil, having as justification the antiquity of the poblamiento of the American continent by the human beings in front of the evidences of the “hypothesis of Clóvis” which places between 13 to 11 thousand the first migratory cams originating from the passage of the Bering Strait. The main objective of this work is to point out the multiple migratory possibilities of the first human groups, be it by the north, south, east and west, trying to associate those possibilities with the archaeological evidences found

PALABRAS CLAVE: Archeology, population of America, prehistoric migrations.

*Fecha de Recepción: 9-01-2018. Fecha de Aceptación: 1-02-2018.

1. INTRODUÇÃO

O povoamento do continente americano pelos seres humanos constitui um assunto que gera muitas controvérsias no meio acadêmico, os pesquisadores não dispõem de informações conclusivas acerca de qual seria o primeiro ponto que os seres humanos adentraram no continente, oriundos de outras partes do mundo. Podemos constatar isso devido à ausência de grandes primatas fósseis e homens pré-sapiens.¹ Esses primeiros grupos eram de caçadores-coletores que vagavam em busca de alimento e abrigo, dotados de uma tecnologia lítica pouco desenvolvida e que foram se estabelecendo nesses locais (BELTRÃO, 2000). Neste artigo, apresenta-se, de início, a abordagem, para apresentar, em seguida, as principais discussões sobre a possível presença de africanos no continente americano e no Brasil, em particular.

2. METODOLOGIA

A metodologia desta pesquisa está fundamentada em uma pesquisa bibliográfica, documental e de campo. A investigação bibliográfica consistiu em matérias que versam acerca da temática do povoamento do continente e a importância da presença africana dentro desse contexto, destarte, a pesquisa documental serviu para corroborar nossa hipótese de trabalho que os primeiros habitantes do continente americano foram anteriores o modelo “Clóvis first”. Foi feita um trabalho de campo em três sítios: Parque Nacional Serra da Capivara, Toca do Boqueirão da Pedra Furada, Toca do Sítio do Meio e Toca do Coqueiros, realizando um registro fotográfico contido no trabalho.

3. DISCUSSÃO

3.1. Os africanos na América pré-histórica: uma discussão

epistemológica

Se consultarmos os mais correntes livros e artigos sobre a ocupação do continente americano, publicados em inglês e de repercussão universal pelo idioma, podemos observar que pouco espaço está dedicado à eventual colonização humana do continente, antes da vinda dos mongoloides. Há diversas razões para isso, algumas delas fundadas na falta de evidências claras e indiscutíveis a respeito. Em seguida, ainda não são tão bem estabelecidas as datações de vestígios de seres humanos modernos (*homo sapiens*) fora do continente africano, ainda que haja constantes referências a descobertas mais ou menos fiáveis, como agora no início de 2018, como noticiado:

Apenas es un fragmento de maxilar superior que conserva siete dientes completos. Perteneció a un adulto, joven, que seguramente no vivió más de 35 o 40 años y del que no se sabe si fue hombre o mujer. Tampoco por qué murió. Y sin embargo, es sumamente extraordinario. Porque cambia el relato que hasta ahora teníamos sobre nuestra especie, sobre su origen y su salida de África.

Ha aparecido en la cueva de Misliya, un yacimiento en el Monte Carmelo, en Israel, y se estima que tiene entre 177.000 y 194.000 años de antigüedad. Sus características modernas confirman que perteneció a un *Homo sapiens*, a uno de los primeros que se asomaron fuera del continente africano (La Vanguardia, 26/01/2018).

Este é apenas o exemplo mais recente, pois as notícias de achados são frequentes. Há, ainda, outras razões, mais ou

menos fundamentadas, mas há um pressuposto de fundo que não costuma ser explicitado: o racismo. Desde o século XVIII tardio e a invenção do conceito de raça com suposto fundamento biológico, tem havido uma hierarquização dos humanos. Essa foi uma novidade, pois as discriminações anteriores estavam fundadas em critérios ideológicos. No caso do Ocidente, cristãos eram melhores que os infiéis (muçulmanos, judeus, “pagãos”, ou outros), mas não havia qualquer referência à cor da pele. O cientificismo criou a justificação biológica para a escravidão africana moderna, já consolidada, mas que se baseava em uma interpretação do Antigo Testamento. A Biologia nascente daria as bases para a diferenciação das raças. O uso do termo latino *ratio* caía como uma luva, pois significava, a uma só vez, razão, o princípio fundamental da modernidade iluminista, mas também a espécie, a parte, a réstia, que podia fundamentar a diferenciação das pessoas pela aparência. Nariz adunco justificava a discriminação de árabes e judeus, a cor da pele escura os africanos, os olhos puxados os orientais.

O paroxismo do racismo deu-se com o nazismo, mas foi só o exemplo mais extremo de ideias difusas em todo o mundo ocidental. A Arqueologia não pode ser desvencilhada desse contexto e dessas ideias abjetas. O racismo explícito foi abandonado pela disciplina após a Segunda Guerra Mundial (1945), mas nem por isso deixou de persistir de forma ao menos implícita. O caso do caráter africano do Egito antigo é paradigmático, a este respeito. Cheikh Anta Diop (1923 -1986) e Martin Bernal (1937-2013) foram notáveis, neste aspecto. O primeiro era um negro senegalês, muito bem localizado na cultura francesa, que defendeu, a partir da Arqueologia e da Filologia, a ligação umbilical do Egito antigo e o continente africano, algo que deveria ser óbvio (o Egito está na África), mas que não foi (ou é) ainda bem digerido. O segundo foi um estudioso judeu que defendeu o débito da civilização grega e ocidental à África, por

meio do Egito, pelo que também foi muito criticado.

Não é o caso, aqui, de discutir essa questão, ainda que pareça evidente que a civilização egípcia antiga era ligada ao restante da África, inclusive Subsaariana e que o ocidente, desde priscas eras, esteve em relação com o continente africano. Não deveria ser novidade que África, Ásia e Europa formavam uma unidade geográfica e que os contatos tenham sido correntes por todo o tempo. Se isso não era ou não é reconhecido deve-se ao racismo moderno e a nada mais.

Embora se tenha que admitir que todos somos africanos, pois todos os humanos vieram da África, e, com muita probabilidade, todos tenham tido pelo escuro por viver nos trópicos, joga-se essa ancestralidade comum a um distante passado. Os africanos negros estão meio fora dessa descrição, como se, em algum momento, a negritude causasse algum déficit que justificasse a escravidão e posterior submissão. Esse preconceito pouco explicitado parece estar na origem da recusa da própria ideia de presença africana no continente americano antes de 1492. As descobertas de presença africana do homo sapiens muito antes do que se pensava volta a questionar essa resistência intelectual. A seguir, apresentamos as principais discussões sobre a possível antiga presença africana no Brasil.

3.2. A Antiguidade africana no Brasil e no continente americano

No Brasil, os sítios arqueológicos com presença humana pleistocênica recuada estão localizados na região Nordeste do Brasil: Sítio Morro Furado, no município de Coribe, no estado da Bahia; Toca do Boqueirão da Pedra Furada, Sítio do Meio, Toca dos Coqueiros, Toca do Garrincho, Sítio da Ema do Brás I, Toca da Janela da Barra do Antonião e Toca do Baixão do Perna I, no PNSC, no estado do Piauí; o abrigo da Furna do Estago, em Brejo da Madre Deus, no estado de Pernambuco; e o cemitério indígena

do Justino, no estado de Sergipe (Beltrão, 2000; Guidonet al, 2002; Guidon, 2006; Martin 2009).

Na região Sudeste do Brasil também encontram-se sítios arqueológicos com datações absolutas recuadas, como na região de Lagoa Santa, Minas Gerais. Em Lagoa Santa foi encontrado o crânio de Luzia, a brasileira mais antiga, com 11,5 mil anos; no sítio Alice Boër, no município de Rio Claro, no estado de São Paulo com uma datação de 14.200 anos A.P.; no sítio Itaboraí, no estado do Rio de Janeiro com uma datação de 8.100+/-75 anos A.P (Beltrão, 2000).

Dentro desse contexto podemos dividir em quatro principais perspectivas o povoamento do continente pelos seres humanos, sendo abordada a hipótese da migração atlântica:

1) Migração pelo estreito de Bering: os primeiros grupos humanos² teriam migrado do continente asiático para o continente americano pelo estreito de Bering por volta de 30 a 10 mil anos atrás, sendo postulada academicamente pelo antropólogo tcheco Ales Hrdlicka no início do século XX. Lavellé (1995) afirma que os estudos de Hrdlicka estavam baseados nos traços físicos – pelé, cabelo, pilosidade e crâniometria – no intuito de demonstrar que os índios americanos fariam parte de um único grupo mongolóide e sendo vindo de um ponto comum, da Ásia, passando pelo estreito de Bering, em um período Holocênico. Essa perspectiva é mais aceita no meio acadêmico, sendo dividida em dois segmentos: primeiro, povoamento recente por volta 13 a 11 mil anos atrás e associado ao “modelo Clóvis primeiro”; segundo, povoamento mais tardio, recuando o povoamento anterior aos povos de Clóvis, tendo por expoentes arqueólogos como Tomas Dillehay, James Adovasio e David Meltzer.

2) Migração marítima pelo oceano pacífico: essa tese postula que os grupos humanos teriam chegado ao continente americano por navegação de cabotagem. Foi proposta pelo etnólogo francês Paul Rivet, no artigo *Les Malayos-Polineses em Amérique*, de

1926, e no seu livro *As origens do homem americano*, de 1943 (Rivet, 1960).

3) Migração via Antártida: esta hipótese foi formulada pelo antropólogo português A.A. Mendes Corrêa (1926) que postula a possibilidade de grupos humanos terem migrado da Austrália e Nova Zelândia para o sul do continente americano, utilizando a Antártida como ponte de passagem.

4) Migração Atlântica: essa hipótese é fundamentada nas pesquisas de Rivet³ (1960) e foi defendida por Niède Guidon na Segunda Conferência sobre o povoamento das Américas, no ano de 2006. Dessa forma, explicando a possibilidade de grupos humanos terem migrado por navegação de cabotagem do continente africano para o americano em um período anterior à migração via Bering, os fósseis de Zuzu e Luzia, que apresentam morfologias africanas, seriam fortes argumentos na sustentação dessa hipótese.

A hipótese da migração atlântica não é uma temática recente, é uma possibilidade levantada pelo etnólogo francês Paul Rivet no século passado, fundamentada na perspectiva de uma navegação de cabotagem pelos primeiros habitantes continente americano, vagando de ilha em ilha em busca de novos horizontes, oriundos do continente africano, onde surgiu os primeiros homens sapiens moderno por volta 120 mil anos atrás (Neves et al, 2015).

Para Guidon:

O mar esteve, durante certas épocas do último glacial, até 150m abaixo do nível atual. Assim sendo havia muito mais ilhas entre os continentes e a passagem da África para o litoral nordeste do Brasil e para o Caribe não representava grandes problemas. Homo sapiens já existia na África há 190.000 anos, por isso é normal que possa ter chegado até as costas americanas antes de 100.000 anos atrás. (...) Portanto,

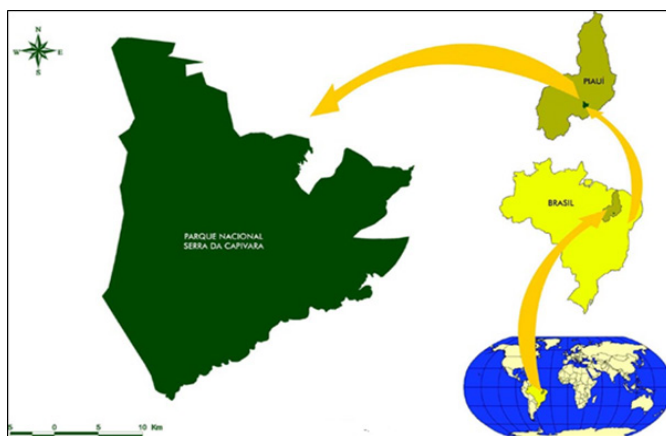
podemos propor um novo panorama: os primeiros homens vieram da África e chegaram até a costa do Nordeste e Caribe. Adaptaram-se ao meio ambiente, cresceram, prosperam e os grupos, lentamente, foram se espalhado pelo novo continente. Aqui, aonde chegaram, suas presenças durante muito tempo, permitiram o desenvolvimento de sociedades avançadas, plenamente adaptadas ao meio em que viviam. E um dia chegaram homens vindos pelo Pacífico, aportando à costa oeste da América do Sul, tinham dado a volta ao mundo (Guidon, 2005: 6).

Mas é possível realizar esse tipo de travessia? Tanto Rivet (1960) quanto Laming-Emperaire (1980) relatam a experiência de Thor Heyerdahl (1914-2002) através de suas pesquisas buscando demonstrar os contatos entre os polinésios e a América, por fim realizando essa travessia do oceano pacífico numa jangada em 1947, demonstrando na prática essa possível para o povoamento do continente americano. Moore (2009) faz um abordagem acerca da questão racial no panorama europeu do século, demonstrando que a importância do continente africano como berço dos primeiros seres humanos modernos e como se edificou o discurso do racismo como um instrumento de dominação das potências europeus.

Melo (2000) expõe a possibilidade da migração atlântica dos primeiros habitantes do continente americano, partir jangadas teriam saído do oeste do africano, realizando uma navegação cabotagem e aproveitando das correntes marítimas, assim facilitando sua travessia, quase uma epopeia marítima.

Onde estão os vestígios culturais dos primeiros habitantes do continente americano? Os vestígios culturais como ferramentas líticas foram encontrados em vários sítios arqueológicos, em especial, a Toca do Boqueirão da Pedra Furada localizado no

Parque Nacional Serra da Capivara, no Piauí. Os resultados das escavações desse sítio forneceram um quadro dos grupos humanos pré-históricos que habitaram aquele local. Os vestígios de ferramentas líticas são divididos em seis níveis culturais: Pedra Furada 1 (≥ 50.000 a > 35.0000 BP), Pedra Furada 2 ($\geq 32.160\pm 1000$ B.P. a > 25.000 BP), Pedra Furada 3, Serra Talhada 1 (10.400 ± 180 a 8.050 ± 170 BP), Serra Talhada 2 ($7.750+80$ a $7.220+-80$ BP) e Agreste (6.150 ± 60 a 3.000 BP) (PARENTI, 2001).



Mapa 1. A localização do Parque Nacional Serra da Capivara. Crédito: FUMDHAM. Disponível em: <<www.fumdhm.org.br>>. Acesso: out, 2013.



Figura 1. Toca do Sítio do Boqueirão da Pedra Furada.
Crédito: Gabriel Oliveira (2007).



Figura 2. Toca do Sítio do Boqueirão da Pedra Furada.
Crédito: Gabriel Oliveira (2016).

No Sítio do Meio obteve-se uma datação indireta para as pinturas rupestres a partir de uma concentração de carvão vegetal

depositada sob um bloco rochoso, oriundo do paredão, no setor 3 da escavação, resultando em uma datação entre 10.370 e 10.330 BP (BETA 148099) (Guidon et al, 2002). Outros vestígios arqueológicos datados, como um fragmento de cerâmica e uma rocha com a presença de polimento tiveram idades estimadas entre 9 e 8 mil anos B.P. (Guidonet al, 2002; Martin, 2008).

Na Toca da Ema do Brás I foi obtida uma datação indireta de 9.290 a 9.000 BP (BETA – 148100) a partir de fragmentos de carvões vegetais sob dois blocos rochosos contendo pinturas rupestres. No sítio arqueológico Toca dos Oitenta foram encontrados dois grandes blocos de arenito, que serviram como suporte rochoso para a realização de gravuras rupestres, para os quais o método indireto, a partir de concentrações de carvões, forneceu uma datação absoluta entre 7.840 e 7.600 BP (BETA-148097) (Guidon et al, 2002).



Figura 3. Toca do Sítio do Meio. Crédito: Gabriel Oliveira (2016).

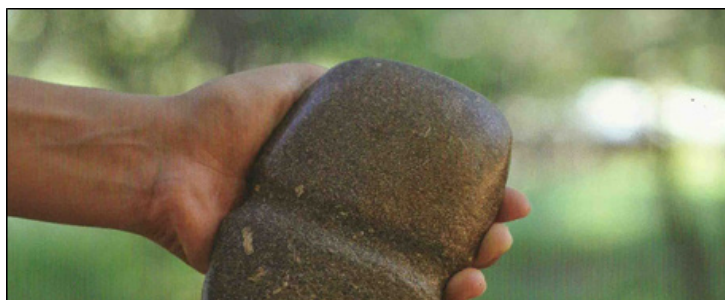


Figura 4. Machado polido encontrado asociado a uma fogueira de 9.200+-60 anos B.P. Fonte: Guidon; Pessis; Asón-Vidal, 2014: 462.

Com resultado das escavações realizadas na Toca do Garrincho foram encontrados três dentes humanos e um fragmento de osso enviado para datação em laboratório, tendo sido apurada uma idade de 12 mil anos B.P., evidenciando a presença recuada de grupos humanos na região (Guidon; Peyre; Guérin; Coppins, 2000). Na Toca do Baixão do Perna foram coletadas para datação amostras de carvão associado às pinturas rupestres, tendo um resultado em laboratório de 9650+-100 B.P. (BETA 32972) (Guidon et al, 2002).

Datações por termoluminescência e ressonância paramagnética eletrônica da calcita coletada sobre as pinturas rupestres nos sítios Toca da Bastiana e Toca do Antônio apresentaram idades entre 48 e 20 mil anos B.P, e 55 e 32 mil anos B.P., respectivamente (Ayta, 2005; Watanabe (2002). Os resultados dessas datações diretas são muito criticados devido à possibilidade de uma data tão recuada para essas pinturas rupestres ter sido conseguida indiretamente, em especial pelo pesquisador Marvin W. Rowen. Rowen que coletou uma amostra da mesma camada, e utilizando a técnica de datação direta AMS, inferiu uma data de 2.490+-30 anos B.P para a calcita e 3.730+-30

anos B.P 4 (Guidon, 2007).

Onde estão os fósseis dos primeiros habitantes do continente americano? Devido a questões relacionados ao intemperismo físico, químico e biológico são difíceis de serem encontrados ou exceto quando depositados em locais que propiciem sua conservação, como em locais cársticos. Dois exemplos de fosséis com morfologia africana achados no continente americano são Luzia e Zuzu, que serão descritos abaixo.

Zuzu é um conjunto de crânio e ossos encontrados durante as escavações na Toca dos Coqueiros no Parque Nacional Serra da Capivara, possuindo uma morfologia africana e uma datação absoluta estimada de 9.870+-50 B.P. Zuzu que em num primeiro momento foi classificado como uma mulher, posteriormente, reclassificado como um homem, que destoa das morfologia mongoloide usualmente encontrados na região e sendo típicos dos índios brasileiro (Hubbe et al, 2007; Cunha, 2014).



Figura 5. Toca dos Coqueiros. Crédito: Gabriel Oliveira (2016).



Figura 6. Sepultamento humano associado a um fragmento de carvão vegetal datado de 9.250±50 anos B.P. encontrado na Toca dos Coqueiros.

Crédito: Cunha, 2014: 334.

Luzia é um crânio com morfologia africana encontrada no sítio arqueológico Lapa Vermelha IV na região de Lagoa Santa, município de São Leopoldo no estado de Minas Gerais, descoberta nas campanhas de escavação de 1974 e 1975 pela equipe da professora Annette Laming-Emperaire e possuindo uma datação absoluta aproximada de 11,5 mil anos atrás (Hubbe et al, 2003; Neves; Pilo, 2008).



Figura 7. Reconstituição de Luzia, a brasileira mais antiga. Disponível em: <<<https://i.ytimg.com/vi/D6nmr5tofq0/hqdefault.jpg>>>. Acesso: 1. fev.2018

O interessante que Luzia e Zuzu apontaram para uma nova

perspectiva para pensarmos o povoamento do continente americano além do estreito de Bering, acerca a possibilidade uma migração marítima. Um argumento que reforça essa perspectiva é a existência *Ancilostomus Duodenale* e *Trichuris trichiura* que são organismos que parasitam os grupos humanos, mas não resistem ao temperaturas inferiores muito baixas, algo característico da Beríngia, sendo pouco encontrado no hemisfério norte do continente americano enquanto encontrado hemisfério sul, assim foram registrados: 255 coprólitos, com 3.490 BP, Gruta do Gentio II, Unai, Minas Gerais; 23 Coprólitos, Boqueirão Soberbo, Varzelândia, Mias Gerais, 4.905 BP e; 17 coprólitos humanos, 7.230 BP, Boqueirão da Pedra Furada, Piauí (Araújo, Ferreira, Confalonieri, 1991; Araújo, 1996; ARAÚJO, Gonçalves, Souza, 2006.)

4. RESULTADOS OBTIDOS

Os resultados obtidos permitem afirmar que o povoamento do continente americano constitui um assunto complexo e continuará gerando muitas controvérsias, mas podemos fazer alguns apontamentos: a investigação dos terraços marinhos do nordeste brasileiro; a construção do paleoclima da região do PARNAN Serra da Capivara; a troca de informações entre os profissionais; mais pesquisas arqueológicas no PARNA Serra da Capivara buscando outros sítios para validar essa antiguidade da Toca do Boqueirão da Pedra Furada.

A Arqueologia Brasileira é um conhecimento científico em construção, não é uma dominação dogmática imposta, mais sim construída pelo trabalho científico dos arqueólogos no dia-a-dia das escavações nos sítios, logo, ressaltando uma abertura para novas pesquisas. Talvez, somente o tempo, as pesquisas arqueológicas e as inovações tecnológicas poderão elucidar a questão fundamental e insistente: Por onde chegaram os primeiros povoadores do continente americano? Os africanos podem ter precedi-

do outros grupos humanos? São perguntas que desafiam, antes de tudo, o racismo e merecem serem feitas.

Agradecimientos

A Maria Conceição Beltrão, Niède Guidon, Gabriela Martin e Walter Alves Neves. Mencionamos o apoio institucional da Unicamp, UFAM, CNPq e Fapesp. A responsabilidade pelas ideias restringe-se aos autores.

Notas

1. Poucos autores discordaram dessa perspectiva, como o paleontólogo argentino Florenitno Ameghno (1854-1911) que defendeu a possibilidade da evolução humana ter ocorrido na Argentina e da arqueóloga brasileira Maria Conceição Beltrão que postulou a possibilidade da presença homo erectus na Toca da Esperança no estado da Bahia, com uma datação absoluta de 300 mil anos (BELTRÃO, 2000).
2. Esses primeiros grupos caçadores-coletores ficaram conhecidos como povos de Clóvis na década de 1930, devido à sua indústria de pontas líticas. As pontas de Clóvis foram encontradas por John L. Cotter no sítio Blackwater Draw, na localidade de Clóvis, Novo México, EUA.
3. Laming-Emperaire (1980: 46) acerca de Rivet afirma que “Seus argumentos são para uns acima de tudo etnológicos, para os outros autores sobretudo arqueológico. A medida que o tempo passou não se satisfaz mais de assinalar analogias, mas em pesquisar as vias e as modalidades dos contatos múltiplos.[...] Suas teorias que foram acolhidas por muitos e sobretudo pelos norte-americanos com um grande ceticismo, estão atualmente largamente ultrapassadas. A etnologia, a lingüística e a arqueologia depois de 50 anos de progresso, que não é mais possível colocar os problemas da mesma forma que foram colocados por Rivet. Suas hipóteses não foram inúteis porque elas obrigaram esses mesmos que os criticaram a formular os problemas em termos mais precisos e mais claros”.
4. Pessis e Guidon (2009) postulam a possibilidade das amostras estarem contaminadas por microrganismos (líquens) ou outros componentes minerais, o que provocaria essa discrepância de resultados.

5. BIBLIOGRAFÍA

ARAÚJO, Adauto G.; FERREIRA, Luiz F. e; CONFALONIERI, Ulisses. 1991. "Paleoepidemiologia da Ancilostomose na América". Anais I Simpósio de Pré-História. 1; 30-3 ABR. Recife .25-27.

ARAÚJO, Adauto G.; GONÇALVES, Marcelo; FERREIRA, Luiz F.. 2006 "Migrações Pré-históricas e paleoparasitologia". Nossa origem: o povoamento das Américas, visões interdisciplinares. Rio de Janeiro, 161-170.

ARAÚJO, Adauto; FERREIRA, Luiz Fernando. 1996 "Paleoparasitologia e povoamento da América". Fundamentos - Revista da Fundação do Museu do Homem Americano. Vol.1, nº 1, São Raimundo Nonato, 105-114,

BELTRÃO, Maria Conceição. 2000. Ensaio de arqueologia: uma abordagem transdisciplinar. Rio de Janeiro.

CUNHA, Eugênciã. 2014 "Análise antropológica de 15 esqueletos da região do Parque Nacional Serra da Capivara". Os Biomas e as Sociedades Humanas na Pré-história da região do Parque Nacional Serra da Capivara. Vol. A, São Paulo, 318-361.

GUIDON Niède et al. 2002. "Pedra Furada, Brazil: Paleoindians, Paintings, and Paradoxes". Athena Review: Peopling of the Americas. Vol.3, no.2, Athena Review.

GUIDON, Niède. 2006. "As ocupações pré-históricas do Brasil (excetuando a Amazônia)". História dos índios no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras.

GUIDON, Niède. 2007. "Parque Nacional Serra da Capivara: modelo de preservação do patrimônio arqueológico ameaçado". Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional nº 33 IPHAN, Brasil, .74-94,

HUBBE Mark et al. 2003. A primeira descoberta da América. Ribeirão Preto: Sociedade Brasileira de Genética

HUBBE Mark et al. 2007. “Brief Communication: “Zuzu” Strikes Again – Morphological Affinities of the Early Holocene Human Skeleton From Toca dos Coqueiros, Piauí, Brazil”. *American Journal of Physical Anthropology*. Disponível <<www.interscience.wiley.com>>. Acesso: 23, set.

LAMING-EMPARIE, Annette. 1980. Le problème des origines américaines: theories, hypothèses, documents. Paris: Editions de la maison des sciences de l’homme.

MARTIN, G. 2008. A Pré-História do Nordeste. Pernambuco: Editora UFPE.

MELO, Patrícia. 2000 “O problema do povoamento da América: uma nova proposta explicativa”. v.1, nº 14. UFPE. *Revista Clio Arqueológica*, Recife, 263-272.

MENDES CORRÊA, A.A. 1926. HOMO (Os modernos estudos sobre a origem do homem). 2ª ed. Coimbra: Atlântida Livraria Editora.

NEVES, Walter A.; JUNIOR, M.J.R.; MURRIETA, R.S.S. 2015. Assim caminhou a humanidade. São Paulo: Palas Athena.

NEVES, Walter.A.; PILÓ, Luís .B. 2008. O povo de Luzia: em busca dos primeiros americanos. São Paulo: Globo.

MOORE, Carlos. 2002. Racismo e Sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo. Belo Horizonte: Mazza Edições.

PARENTI, Fabio. 2001. Le gisement quaternaire de Pedra Furada (Piauí Bresil). *Stratigraphie, Chronologie, Évolution Culterelle. Éditions recherches sur les Civilisations*, Ministère des Affaires

Étrangères, Division des Sciences Sociales de l'Archéologie,
Paris.

PESSIS, Anne.M.; GUIDON, Niède. 2009. Dating rock art paintings in Serra de Capivara National Park Combined archaeometric techniques. Disponível em: << rockartscandinavia.com/.../articles/brazila9.pdf>>. Acesso: 14 de jan.

RIVET, Paul. 1960. As Origens do Homem Americano. São Paulo: Editora Ahembi.